

LIBERAL

Belém - PA

27.11.1983

Lucio Flavio Pinto

As próximas águas

POVOS INDIGENAS
BRASIL / CED
DOCUMENTAÇÃO
COD. 340 DATA 25/11/83

Quando o reservatório da hidrelétrica de Tucuruí estiver completamente cheio, no final de dezembro do próximo ano, quem quiser percorrê-lo precisará andar 5.400 quilômetros, o equivalente a duas vezes e meia a distância de Belém a Brasília. O lago armazenará quase 46 bilhões de metros cúbicos de água, sendo o maior do gênero no Brasil, o segundo da América Latina e o 15º do planeta. O vertedouro da barragem, poderá deixar passar até 100 mil metros cúbicos de água por segundo, o dobro da vazão média no pico da enchente do Tocantins, sendo neste aspecto o maior vertedouro do mundo. Num percurso de apenas 500 metros pelo interior do vertedouro de concreto, as águas se precipitarão numa queda de quase 70 metros.

São números colossais de uma complexa estrutura que estará plenamente concluída no final de dezembro do próximo ano — dentro de 13 meses, portanto. A dimensão dessa realidade embevece, causa perplexidade e assusta. Estávamos acostumados a saber de coisas desse tipo através da imprensa ou no cinema. Agora temos uma delas como vizinha. É uma companhia que não admite indiferença: ou a deciframos e controlamos, ou ela nos devorará.

Falta-nos até mesmo convicção sobre alguns dados básicos, sem os quais não pode haver futuro previsível. Desde que a obra começou, mais de sete anos atrás, fomos sempre informados de que o reservatório de Tucuruí ocuparia uma área de 2.160 quilômetros quadrados e que se estenderia por 170 quilômetros a montante da barragem. Os últimos documentos da Eletro-norte, porém, falam em 2.430 quilômetros quadrados, ou seja, 270 km² a mais.

Pode parecer uma imprecisão secundária, mas não é. Ela significa uma diferença de 5,7 bilhões de metros cúbicos de água no interior do reservatório, que teria 51,5 bilhões e não 45,8 bilhões de m³. Mais, água, evidentemente, requer modificação no modelo de operação do reservatório. Uma área de inundação superior poderia também levar a uma elevação da cota do lago, que, nas previsões da Eletro-norte, não vai além de 74 metros.

Também essa mudança significa uma extensão maior do lago, que poderia atingir até 190 ou 200 quilômetros de extensão. E aí ressuscita uma dúvida surgida desde a primeira vez que percorri a região, nove anos atrás, para visualizar o impacto da obra que estava saindo das pranchetas dos engenheiros (sem passar ao mesmo tempo pela mediação dos ecólogos). Leigo, mas um atento aprendiz das coisas desta região, tive a sensação de que as águas

do lago iriam sepultar algum dia a velha Marabá. Os técnicos, ironizando meus instintos, garantiam que o remanso não iria além de Itupiranga. Marabá estaria quilômetros além e metros acima da cota máxima do reservatório.

Hoje, diante de tanta imprecisão e do descortino de um mundo de coisas que não nos foram reveladas (ou, pior ainda, sonegadas), minhas dúvidas só fizeram aumentar. Não é uma inquietação vagabunda ou o produto ocioso de ceticismo gratuito: ao contrário, duvidar dessa fantástica obra abala no fundo convicções enraizadas na juventude. Cresci lendo sobre a TVA (Tennessee Valley Authority), modelo da nossa experiência de SPVEA (havia muitos documentos na biblioteca do meu pai, que eu devorava). Passei a identificar barragens com progresso e imaginava a repetição do que ocorreu no sul dos Estados Unidos: mais do que terra, às águas represadas inundariam o conservadorismo.

Hoje, sou tentado a pensar nessas crenças da juventude como ilusões do new deal. O mundo mudou e a nossa consciência acompanhou essa transformação. Uma barragem não traz apenas progresso: pode causar danos ecológicos, a partir de alterações hidrológicas, terríveis se não houver um sério esforço para prever os problemas de meio ambiente e tentar evitá-los, o que não se consegue sem esclarecimento e mobilização. Mas não tenho visto, às vésperas do início das operações comerciais, da usina nem uma coisa, nem outra.

Durante todo este tempo intensifiquei o tratamento da hidrelétrica de Tucuruí na tentativa de suprir essas duas lacunas fundamentais, que não afetam apenas a opinião pública, mas a mim também. Minha angústia aprofundou-se à medida, que os dias corriam. Deixo-a como minha contribuição maior aos leitores no momento em que sou obrigado a interromper a publicação desta coluna. Durante os próximos quatro meses, estarei nos Estados Unidos, onde uma bolsa da Universidade da Flórida, me permitirá, pela primeira vez em 18 anos de jornalismo, dedicar-me integralmente a um só tema. É uma oportunidade rara para um repórter como eu, enclausurado fora dos grandes centros, e devo-a à generosidade dos amigos que fiz na Flórida.

Quando voltar, em abril, terá transcorrido um tempo precioso — e provavelmente irremediável. Espero que possamos corresponder a esse tempo.

(Para os que quiserem escrever, dentro de 15 dias poderão me encontrar no Center for Latin American Studies, 319 Grinter Hall, University of Florida, FL 32611).